

AS DIFERENTES PATERNIDADES EM CINZAS DO NORTE, DE MILTON HATOUM

Noemi Henriqueta Brandão de Perdigão (UTFPR)

Ambientado em Manaus, à semelhança dos dois romances anteriores de Hatoum, *Cinzas do Norte* tem como centro a família de Trajano Mattoso, Alícia e Mundo, filho de ambos. *Cinzas do Norte*, publicado em 2005, é uma saga familiar narrada *a posteriori* por Lavo, amigo do protagonista Raimundo (Mundo) e sobrinho de Ranulfo (tio Ran), o segundo narrador do romance. Lavo presenciou alguns fatos, mas essencialmente retoma histórias que ouviu da boca de diversos personagens, sobretudo do protagonista Mundo.

O escopo temporal é o século XX, sobretudo após a década de 1950, com foco nos anos pós-golpe militar de 1964. A narrativa começa com a referência de Lavo à carta de Mundo cujo conteúdo só será revelado nas últimas páginas do romance, e conta quem é o pai biológico de Mundo e funciona como um testamento do amigo.

Ao lado dessa primeira narração, o romance traz, em itálico, uma outra, sob a forma de uma carta de Ranulfo dirigida a Mundo, na qual tio Ran fala do amor que nutriu durante toda sua vida por Alícia, de atitudes de Jano com relação à mulher e ao filho e da história anterior de Ranulfo, Alícia e outros personagens. Essa narração foi escrita após a morte do rapaz, para homenagear mãe e filho. É através dela que o leitor toma conhecimento dos desmandos de Jano quando Mundo era pequeno e do espaço que ele, Ranulfo, acabou ocupando na vida do menino, autorizado por Alícia.

Olhar para *Cinzas do Norte* a partir do viés da paternidade força o leitor a escolher alguns caminhos de leitura. Como são construídas essas figuras paternas? Abordaremos a questão que diz respeito a como os narradores as veem (e veem a si próprio, no caso de Ranulfo), e como são vistas pelos demais personagens. *Cinzas do Norte* não é uma narrativa de família feliz. Inscrevendo-se na linhagem dos romances anteriores de Hatoum, é uma narrativa que tenta tocar feridas, sobretudo aquelas ligadas a relacionamentos afetivos, familiares, de casais, de irmãos, parentes e amigos. Há desesperança e afastamentos, e a derrocada final é anunciada no decorrer da narrativa.

Jano e Mundo

Esta é a dupla fulcral ao se pensar a análise da paternidade em *Cinzas do Norte*. Jano se crê pai de Mundo. Em nenhum momento da narrativa, aliás, há a menor desconfiança dele com relação a esta paternidade, mesmo se considerarmos Ranulfo, de quem Jano tem ciúmes permanentes. As dificuldades relacionais entre ele e Mundo se devem a outras incompatibilidades, sobretudo porque Jano não consegue se ver refletido no filho.

Inicialmente, Jano fica eufórico quando sabe que teve um filho homem. Chama-o somente de “herdeiro”, alcunha que não agrada Alícia; festeja o primeiro ano de vida do menino de forma memorável, registrada em fotos e matérias na imprensa local, constituindo motivo de orgulho do pai. Contudo, a esta manifestação de “amor paterno”, somam-se atitudes violentas com relação à criança. Desde pequeno, Mundo preferia conviver com meninos pobres, brincar na rua e desenhar sozinho. Jano não entendia essas preferências e questionava Alícia, que inclusive tentou aproximar o filho das crianças da vizinhança rica em Manaus, sem sucesso.

Jano não apenas reprovava os desejos do filho, como o trancava no porão para impedi-lo de sair e brincar na chuva. Nessa época Mundo contava somente cinco anos, idade em que pergunta à mãe por que tinha de passar o dia inteiro sozinho e só podia sair à noite para ir dormir no quarto. A cena aparece em uma das cartas de Ranulfo. Somente por elas o leitor tem conhecimento dos desmandos, insanidades e manias de Trajano Mattoso. A passagem em que Mundo mostra seus desenhos ao pai, e este nem olha para as folhas de papel, também nos é narrada por Ranulfo. A personalidade doentia de Jano vai sendo pouco a pouco desmascarada, assim como a submissão de Alícia, cuja reação era cachinar, beber e jogar.

A primeira referência a Jano no romance é feita por Lavo. Estão juntos, ele e Mundo, e Macau, chofer dos Mattoso, chama o menino para almoçar, enquanto o pai permanece calado e com o rosto voltado para o outro lado. Momentos depois, Jano vai à casa de Lavo. Hipoteticamente, veio dar as boas vindas a Ramira, que se mudara há pouco, mas pergunta a Lavo o que ele e Mundo conversavam perto do colégio Brasileiro. Na verdade, Jano age como um policial com Mundo: fica tomando conta de tudo o que o filho faz, que amigos tem, onde passa os dias, do que gosta e do que não gosta,

impossibilitado de perguntar diretamente ao filho, pois não existe relacionamento entre eles.

Dias depois, Jano manda entregar uma tartaruga na casa de Ramira, que ele chama de “dádiva da Vila Amazônia”. Nesse momento, Ranulfo fará menção a uma faceta de Jano, que só se revelará depois: “Dádiva da Vila Amazônia, essa é boa.... Jano sabe negociar. O que ele quer de vocês?” (HATOUM, 2005, p.30).

No dia seguinte, quando Lavo vai levar ao palacete a tartarugada preparada por Ramira, os donos da casa o convidam para entrar e Jano resolve mostrar-lhe a casa. Ao entrar no quarto de Mundo, o pai desqualifica os desenhos e pertences do filho, argumentando: “Nenhum livro de matemática nas estantes. Só arte, poesia... Pior ainda: nenhuma fotografia de mulher, a não ser da mãe. Meu filho não pode continuar assim.” (HATOUM, 2005, p.33). Esta passagem é interessante por mostrar o que Jano entende como positivo (livro de matemática, foto de mulher), como ele (des)qualifica a arte e a poesia, mas também por aparentemente demonstrar uma preocupação legítima com Mundo (“Meu filho não pode continuar assim”).

Se é dessa forma que ele vê a arte, como considerá-la um trabalho? Como aceitar o pendor de seu filho para uma atividade menor e sem dignidade? A passagem nos dá também a dimensão do afastamento entre pai e filho: não há, neste momento da vida dos dois, quando Mundo já é adolescente, a menor possibilidade de acordo entre visões de mundo tão díspares. Além disso, mágoas da infância foram se acumulando: em Mundo por nunca ter tido o carinho nem o interesse do pai; em Jano, por Mundo também nunca ter demonstrado interesse por aquilo que o pai valorizava e por preferir a companhia de pessoas mais simples, o que era inaceitável para Trajano.

A narrativa se constrói em volta desse desencontro. E dessa desconfiança mútua. O filho acredita que o pai só planeja ações para atrapalhar ou limitar sua vida; o pai vê nas atitudes do filho unicamente formas de manifestar a revolta contra os desígnios paternos.

Na sequência da passagem em que Jano mostra a casa a Lavo, o primeiro convida o rapaz para dar uma volta, sem perguntar se este tinha algo a fazer ou mesmo se desejava passear. Mais uma fala que ajuda a construir a personalidade de Jano, agora ressaltando o aspecto autoritário. Personalidade que vai igualmente se identificando com um outro

contexto: “Treinamento militar, disse Jano, saudando um oficial. Falta isso ao meu filho... correr e saltar com coragem, que nem esses rapazes armados.” (HATOUM, 2005, p.34). Esta preferência de Jano vai se desenhando pouco a pouco, mas no decorrer do romance se agiganta: seus amigos são os interventores militares em Manaus; o sonho dele é ver Mundo no colégio Militar, principalmente em função da disciplina, o que acaba levando o filho à derrocada física e mental. São valores basilares da personalidade de Jano: disciplina, obediência, amor à ordem, hierarquia. Todos eles abominados pelo filho.

Em seguida, Jano toma a atitude que vai revelar sua pequenez de caráter, além de mostrar os valores que ele atribui às relações: propõe a Lavo que ele arranje uma mulher para Mundo e o tire do convívio com Arana, e isso valeria uma fortuna. Aqui o comentário de Ranulfo passa a ter sentido, e entendemos a visita de “boas vindas” e a tartaruga presenteada.

Assim, mesmo sem ainda termos presenciado cena alguma entre Mundo e Jano, o caráter desse último vai sendo construído por palavras do narrador, do próprio Jano e por suas atitudes, que, ou são autoritárias ou são baseadas em interesses econômicos.

A primeira referência de Mundo ao pai é quando ele pergunta a Lavo, que vai a seu encontro no ateliê de Arana, “Meu pai sabe?” (HATOUM, 2005, p.40). Já é possível percebermos uma dificuldade no relacionamento entre os dois, que vai se explicitar na sequência: “Jano (...) desconfia de tudo. Me vigia o tempo todo, me persegue.... No fundo, me despreza.” (HATOUM, 2005, p.44).

Agora, pela boca do filho, ficamos sabendo o tipo de relação que existe entre ele e o pai. E esse desprezo vai aparecer em todos os momentos que Mundo se refere ao pai. O primeiro diálogo entre pai e filho é rude. Na viagem à Vila Amazônia, Jano ordena que Mundo tome banho e venha jantar e este responde que não jantará com eles. Ao que o pai retruca: “Devias ter ficado na cidade. Tu e esse caderno com rabiscos obscenos.” (HATOUM 2005, p.62)

Ao empregar o verbo ordenar, o narrador também reforça o autoritarismo de Jano, alinhado às figuras patriarcais. Mundo faz questão de contrariar o pai; Jano faz questão de desprezar o que agrada ao filho. E a incompreensão continua. Mais do que incompreensão, total diferença de valores e objetivos. Porém, Jano não aceita que o filho possa ser diferente dele, e não reconhece em Mundo o filho que projetou; e Mundo não

vê em Jano o pai que gostaria de ter. São personalidades opostas que, no entanto, passaram a vida em busca de aprovação mútua.

Mundo é a figuração do oposto literal do pai: é um indivíduo que despreza a ordem e as retidões exigidas por um mundo em que não pode haver sopro de liberdade nem convívio entre diferentes. Amante da arte, a pouca importância que ele atribui à ordem é evidenciada nas suas roupas, descuidadas, e nas atitudes que assume nos diversos colégios em que estuda. Mundo questiona o exercício autoritário do poder pelos militares, a quem enfrenta definitivamente no episódio do *Campo de cruces*, que fecha um percurso de revolta e questionamento do abuso do poder político (em nível da sociedade) e paterno (no âmbito familiar).

Depois de Mundo ter sido expulso do colégio Brasileiro, tem lugar uma cena em que a violência de Jano se evidencia. Jano quer que o filho estude no colégio Militar, como punição à sua atitude de desacato ao professor e diretor do colégio anterior. Essa cena é importante na narrativa por ser uma das poucas em que presenciamos um diálogo entre pai e filho. Diálogo de surdos, pois apesar da intermediação de Palha (amigo de Jano), não existe possibilidade de compreensão entre os dois.

O personagem com quem Jano se relaciona melhor é Fogo, seu cão, a quem ele manifesta uma afeição verdadeira, fato que irrita Mundo, que comenta com Lavo: “Um pai não pode gostar mais de um cachorro do que de um filho.” (HATOUM, 2005, p. 123). Embora não exista mais possibilidade de acordo entre os dois, essa fala testemunha o desejo que Mundo nutria de ser amado pelo pai.

Vemos ser construído um contexto de falta de afeto, muito medo e submissão à ordem, o que justifica inclusive as alianças e a amizade que Jano nutria com os militares, a quem também se submetia. Em *Cinzas do Norte* o narrador e o próprio Jano evidenciam essa aproximação. A ética de Jano traz muito da marca desse momento obscuro da história política do Brasil: o que importa é a obediência cega, sem questionamentos; tudo deve ser controlado e punido. Jano incorpora muito bem as conveniências e o perfil dos asseclas do poder: preocupa-se muito com as aparências e com a aceitação social; as amizades são marcadas por interesse.

Afim ao “clima” histórico do momento, Jano tenta controlar até os desejos do filho. E Mundo é a reação em pessoa. Tudo que o pai quer, ele nega. Metaforicamente, a

relação dos dois poderia ser lida como a figuração de posturas opostas: a do militar, que se submete à hierarquia e acredita piamente que seu ponto de vista é o único correto para o país, e que aqueles que pensam diferente devem, preferencialmente, mudar de pensamento e comungar das mesmas ideias que ele; e a dos que resistiram a esse poder militar, pagando inclusive com a própria vida pela ousadia.

Durante toda a narrativa vemos ser construído um relacionamento entre pai e filho sem o menor rastro de afetividade ou admiração. Trajano nunca viu na arte uma possibilidade real de profissionalização e a cada desenho ou quadro de Mundo, mais o despreza. E Mundo nunca considerou a hipótese de dar sequência ao trabalho do pai na empresa.

Jano constrói sua paternidade com base na força destruidora que exerce durante toda a narrativa sobre o filho e que atinge o ápice no episódio em que ele queima os desenhos, quadros e livros de Mundo (HATOUM, 2005, p.176-7; 186), vingando a extrema ousadia que fora o *Campo de cruces*, instalação que, com ajuda de Ranulfo, Mundo fizera no Novo Eldorado, bairro popular edificado em condições sub-humanas pelos militares.

Após o *Campo de cruces*, Ranulfo e Mundo se escondem e são caçados por policiais e capangas, que acabam pegando Ranulfo, a quem quase matam de pancada. Enquanto ele está no hospital, Mundo volta ao palacete para acertar as contas com o pai. Mágoa concentrada por anos, vindo à tona. Mundo avança no pai, o empurra e só não o agride porque Lavo o impede.

Depois desse encontro, Jano passa mal e morre. Porém, a morte de Jano não liberta Mundo. Na Alemanha e em Londres ele ainda sonha com o pai e a grande obra que traz em seu retorno ao Brasil — *História de uma decomposição – Memórias de um filho querido* — comprova isso. São sete quadros que apresentam, inicialmente, a figura do pai de corpo inteiro, jovem, segurando Fogo filhote e, na sequência, a decomposição progressiva dessas imagens. Nas quatro telas seguintes, as figuras e a paisagem vão se modificando e se deformando até desaparecerem. As duas últimas telas têm fundo escuro e objetos pendurados: farrapos da roupa de casamento de Jano e um par de sapatos dele, uma história que aludia à morte do pai, mas traduzia a angústia e prenunciava a morte do filho.

Ranulfo e Mundo

Ranulfo está presente na vida de Mundo desde seu nascimento até sua morte. Diferentemente de Jano, participa com interesse da vida do menino e do rapaz. É o primeiro a falar a Alícia dos dotes artísticos de Mundo, e vaticina seu futuro. Mesmo não concordando com a totalidade do que Mundo faz, por exemplo, sua amizade com Arana e a instalação do *Campo de cruces*, ajuda-o por gostar dele.

A relação de Mundo e Ranulfo é apresentada ao leitor sob três formas: a narração de Lavo, que em certos momentos testemunha o ciúme que ele sente da proximidade afetiva dos dois e insinua a possibilidade de eles serem pai e filho; a narração do próprio Ranulfo, nas cartas que escreve a Mundo, e as falas de Mundo e seu testemunho na carta final.

Durante toda a narrativa de Lavo, Ranulfo nos é apresentado como um personagem amante da liberdade, da arte, do amor e dos prazeres. Sua falta de dinheiro parece menor face às posturas que assume. Mesmo não possuindo bens materiais, Ranulfo não os valoriza; é um homem que preza seus amigos verdadeiros, emite suas opiniões, assume suas escolhas e dá valor a situações e pessoas totalmente diferentes daquelas que são importantes para Jano. Na verdade, à medida que o personagem vai sendo apresentado por Lavo, o leitor compreende as razões que o aproximam de Mundo, mesmo sem conhecer o ponto de vista deste sobre tio Ran. Quando Mundo começa a explicitar o que pensa de Ranulfo, essa similitude de caracteres vai tomando corpo em forma de palavras.

Em uma de suas falas, Lavo aponta a semelhança entre Mundo e Ranulfo: “Na voz, o sarcasmo de tio Ran. ” (HATOUM, 2005, p. 141). No encontro seguinte entre os dois, o narrador continuará na mesma toada, ressaltando a afinidade existente entre os dois e insinuando haver algum outro laço os ligando.

Assim, pela voz do narrador, é levantada a hipótese de existir algo mais entre ambos. Relação de pai e filho? Logo após o *Campo de cruces*, uma outra personagem fará a mesma observação para Lavo: “Diz que são aparentados. Pai e filho?” (HATOUM, 2005, p. 178). Ou seja, além das insinuações do próprio Ranulfo, em sua narração, sobre sua possível paternidade de Mundo, há outras passagens em que o fato é aventado. Daí o total estranhamento quando o leitor fica sabendo pela carta de Mundo que Arana é seu pai biológico.

A narração de Ranulfo, iniciada na página 51, não apresenta os fatos cronologicamente, mas ajuda o leitor a entender de onde vieram vários personagens e como foram se construindo as relações afetivas e familiares que constituem o cerne da narração de Lavo.

Até a sexta carta, são apresentadas situações anteriores ao nascimento de Mundo. Nesta, Ranulfo fala do dia em que o menino nasceu e, a partir dali, começa a narrar as atitudes de Jano com o filho e a mulher. Ficamos sabendo que ele ficou envaidecido não por ter tido um filho, mas sim um herdeiro. Em seguida, Ranulfo narra seus encontros com Alícia, desde a mais tenra idade de Mundo; o primeiro aniversário da criança, festejado na Vila Amazônia, com toda a pompa e circunstância, e ainda situações em que Mundo, com um ano, aparecia “sentado num monte de castanhas; de pé entre fardos de juta; deitado num bote de borracha que flutuava na piscina;” (HATOUM, 2005, p. 217). Vai mostrando que Jano nunca olhou para o filho, sempre criou uma imagem do que gostaria que ele fizesse e fosse. Ranulfo afirma que, logo que viu os desenhos que Mundo fazia nos dias de chuva, percebeu que ele seria um artista. Ao contrário de Jano, Ranulfo olhava para Mundo com atenção e respeitava os gostos do menino, sem expectativas e com afeto. Na verdade, Ranulfo se porta como um modelo de pai diferente do patriarca, modelo para quem importam mais a proximidade e o afeto do que a obediência e a ordem.

Muito mais do que saber de quem era filho biológico, importava a Mundo a construção de uma relação afetiva com o pai, de respeito e reconhecimento mútuos. Quando Alícia conta a ele que seu pai biológico é Arana, essa revelação não altera em nada sua avaliação do artista nem faz com que tenha vontade de refazer o relacionamento com o pai.

Diferentes estudiosos nos apontam que existia um *modus operandi* que o homem devia obedecer ao se tornar pai. Mesmo se o indivíduo desejasse maior proximidade afetiva com os filhos, a estrutura familiar e social acabava dificultando a intensificação do relacionamento, não só no referente ao tempo que o pai (não) dispunha para dividir com os filhos, como também na efeminação indesejável que uma maior expressão de sua afetividade poderia acabar atribuindo àqueles que resolvessem expressá-la de forma mais livre.

A partir da década de 1970, observa-se uma mudança no papel paterno no Brasil, e a paternidade passa a residir mais na circunstância de amar e servir do que na procriação;

passa a ser fruto de um desejo e se revela cotidianamente, ganhando força e afirmação nos detalhes. Ranulfo corporifica, na relação com Mundo, esse “amar e servir”, no sentido de conseguir vê-lo como é e não como desejaria que fosse. Além disso, mostra ser possível amar sem subjugar, o que é impensável na ética de Jano.

A partir da sétima carta, o relato de Ranulfo desvenda cada vez mais os desmandos e loucuras de Jano. Com seu relato, Ranulfo mostra ao leitor todo o grotesco dessa relação entre Jano e Mundo, sobretudo em se tratando de uma criança de cinco anos. A incompreensão entre pai e filho e o relacionamento familiar dos Mattoso são fruto de atitudes e valores inoculados pouco a pouco e que minaram possibilidades de compreensão e amor entre eles.

Ranulfo reage de forma totalmente diferente face aos desenhos de Mundo: quando vê o desenho de uma criança gritando, que Mundo fizera aos cinco anos, diz a Alícia que o filho seria artista, demonstrando perceber de forma muito mais precisa do que Jano quem era e do que a criança gostava. Ainda nesta carta, Ranulfo conta que Jano levava Mundo criança ao escritório e lhe mostrava faturas, promissórias e contratos e falava sobre a produção de juta. Tanto essa atitude quanto a de prender a criança no porão, já apontam para um desequilíbrio forte na personalidade do pai, que no relato de Lavo também vai se evidenciar. Ranulfo conta também que, quando Mundo tinha nove anos, eles saíram juntos pela primeira vez e, a partir daí ele o pegava na escola para passearem, comprava lápis de cor e tubos de tinta, incentivando Mundo a ser artista.

O tom dessa segunda narração é muito diverso daquela que Lavo constrói. A primeira se quer mais objetiva, tenta construir um retrato dos personagens a partir de diferentes vozes, lançando mão de várias falas, assim como de análises do próprio Lavo. A narração de Ranulfo é marcada por um tom fortemente emocional, transpirando o momento em que foi construída (após a morte de Mundo) e o objetivo que moveu Ranulfo ao escrevê-la: homenagear mãe e filho. Por outro lado, essa narrativa – que pode ser lida à parte – apresenta um contexto essencial para que o leitor compreenda muitos dos fatos que Lavo apresenta.

Arana e Mundo

Arana, que ao final do romance descobrimos ser o pai biológico de Mundo, é apresentado como um artista que é o mentor de Mundo, quando jovem, e que acaba por

se transformar em um explorador do mogno amazônico e pintor sob encomenda de “obras de arte” para políticos e empresários. Inicialmente, Mundo se encanta com ele e com o ateliê, onde há livros de arte, objetos de artistas populares, pedaços de madeira, sementes, objetos com os quais Arana criava suas obras.

Porém, mesmo no início, sem informação alguma sobre Arana (o que acontecerá depois, com a narrativa de Ranulfo contando ao sobrinho quem era o artista), o narrador nos apresenta um homem estranho, que produz canoas furadas e chocalhos e os chama de obras de arte. Há evidentemente uma resistência por parte do narrador à figura de Arana, resistência intuitiva que posteriormente se mostrará acertada.

Desde sua primeira aparição na narrativa, Arana é um personagem controverso. Já fora desqualificado por Jano; Lavo também não simpatiza com ele e Ranulfo o despreza. Apenas Mundo nutria admiração pelo artista.

O próprio Mundo compara Jano a Arana, para quem vai levar as sementes e bagas secas que catou na Vila Amazônia, afirmando que ao menos com Arana ele estaria aprendendo técnicas de pintura e ouvindo histórias sobre os artistas. Neste momento da narrativa, Mundo ainda admira Arana, que lhe aparece (e a nós leitores, por conseguinte) como alguém realmente interessado por arte. Com o decorrer da narrativa, e a evidência de que Arana é um oportunista, que fica observando as possibilidades que o mundo lhe apresenta para obter vantagens, desvela-se o caráter não artístico e exploratório de Arana, tanto dos recursos naturais, como das pessoas.

Arana é um personagem estranho. Adesista e oportunista desde seu início como comerciante de objetos artísticos roubados, passando pelo interesse por viúvas ricas, até seu apogeu quando cria obras sob encomenda para militares e empresários, negocia peças de mogno e enriquece. Toda a sua caracterização na narrativa vai construindo aos olhos do leitor uma personalidade venal, interessada em enriquecer e fazendo todas as concessões necessárias para atingir seus objetivos. Não se intimida em roubar ossadas humanas de um cemitério para construir uma “obra de arte” que exporia na Bienal de Artes de São Paulo, e se nega a ajudar Mundo com medo da reação de Jano.

Quando Mundo chega doente no ateliê de Arana, este quer levá-lo a um hospital ou para a casa dos pais, com medo do que possa acontecer. No próximo encontro dos dois, no bar Três Estrelas, Arana “dá sermão” em Mundo. Na verdade, esse momento da

narrativa marca a mudança de Arana, que passa a falar em prudência e a querer distância de Jano. Lavo aproveita a deixa e diz: “Tio Ran falou que ele é um impostor... deu golpe atrás de golpe... Mas acho que não queres acreditar...” (HATOUM, 2005, p. 145). Pela primeira vez, Mundo demonstra questionar a postura de Arana:

Ranulfo falou pra mim também. Falou um monte de vezes, e a gente até brigou por causa disso. Eu não queria acreditar, porque meu pai pensa a mesma coisa do Arana, e o meu pai sempre pensou contra mim. (HATOUM, 2005, p. 146)

Esse comentário é rico para a análise da questão da paternidade porque coloca, sob o ponto de vista de Mundo, os três personagens que exercem a função paterna no romance. De Ranulfo, nos é apresentada uma relação em que as diferenças de opinião também são objeto de discussão, causando até briga; de Jano, Mundo expressa uma opinião desalentadora; de Arana, mostra resistência a vê-lo como mau caráter.

Contudo, a partir do encontro no Três Estrelas a opinião de Mundo sobre Arana muda radicalmente. Ele vê que o ateliê é uma fábrica de quadros e esculturas, que Arana renegou tudo que fizera e que virou “ (...) um reles comerciante da arte. Agora ele decora gabinetes, manda presentes a oficiais e políticos. (HATOUM, 2005, p. 164)

Lavo conta seu encontro com Arana depois da partida de Mundo e Alícia para o Rio de Janeiro, e nos apresenta um ateliê totalmente reformado. A obra mais importante e patética era uma floresta transplantada na qual bichos empalhados pendurados do teto fitavam os turistas. Além disso, Arana disse a Lavo que agora fazia quadros sob encomenda: nos domingos de visitas, uns modelos ficavam expostos e os turistas escolhiam o que desejavam e depois os recebiam em suas casas, no exterior. Ou seja, sua atuação deslocou-se do âmbito da arte para o da economia.

A primeira passagem em que vemos uma preocupação paterna de Arana com relação a Mundo é quando o artista pede a Lavo para conseguir um doleiro que mandasse dinheiro para Mundo, que estava em dificuldade, o que acaba não ocorrendo.

A carta final de Mundo é emblemática da nova visão que ele tem de Arana. Mesmo sabendo que ele é seu pai biológico, ele só lembra “o que há de pior naquele homem: a covardia, o oportunismo e uma preocupação fingida com o “aluno” que era seu filho.” (HATOUM, 2005, p. 311)

A revelação final só traz vergonha e sofrimento. Para Alícia que, depois de contar a Mundo que Arana era seu pai, mal consegue olhar para ele, atormentada pela mentira de toda uma vida; para Mundo, que só vê nele aspectos negativos, e não consegue conversar com sua mãe nos seus últimos dia de vida, no hospital: “E já não há palavras entre nós. Pensei em reescrever minha vida de trás para frente, de ponta-cabeça, mas não posso (...)” (HATOUM, 2005, p. 311). Ele não tem como reescrever sua vida; morre com a dor de saber-se não amado nem pelo seu pai biológico nem pelo seu pai social, e solitário: “O que restou de tudo isso? Um amigo, distante, no outro lado do Brasil.” (HATOUM, 2005, p. 311). Amigo que será o responsável por narrar sua história ao lado do outro personagem que foi o melhor pai para Mundo.

Referências

ALBUQUERQUE, Gabriel. ‘Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum’. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 28, Brasília, julho-dezembro 2006, p. 125-140.

CHIARELLI, Stefania; COSTA LIMA, Luiz; GLEDSON, John; ROCHA, Marília Librandi, LONGO, Mirella Márcia; SCRAMIN, Susana. *Questões para Milton Hatoum*. Entrevista. Floema, Ano VI, n. 6, jan-jun 2010. pp. 19-30.

CRISTO, Maria Luz Pinheiro de. (org.) *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas / UNINORTE, 2007.

FACHIN, Luiz Edson. *Da paternidade: relação biológica e afetiva*. Belo Horizonte: Del Rey, 1996.

HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LONGO, Mirella Márcia. Artes Tardias. Terra Magazine, 01 novembro 2008. Acesso em 07/01/2015, em http://TERRAMAGAZINE.TERRA.COM.BR/INTERNA/0..O13299133-EI6595,00-ARTES_TARDIAS.HTML

PINHEIRO, Maria Luz. A Construção da verossimilhança em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum. In: *Manuscrita*, ISSN 1415-4498, nº 20, 2011. p. 168-183.

TONUS, José Leonardo. *O efeito-exótico em Milton Hatoum*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Nº 26, 2005: 137- 148. (acessado em 06/02/2014) ISSN 2316 – 4018 – on line